



Encontro festivo da ciência, cultura e arte para democratização dos sistemas agroalimentares

Edson Diogo Tavares, Eliane Dalmora, Gláucia Barretto Gonçalves
Coordenação Geral do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia

Com imensa satisfação apresentamos o XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, ocorrido entre os dias 4 e 7 de novembro de 2019 na Universidade Federal de Sergipe (UFS) campus São Cristóvão, com o tema central “Ecologia de saberes: ciência, cultura e arte na democratização dos sistemas agroalimentares”. O tema refletiu nosso desejo de equidade do diálogo e da construção partilhada do conhecimento entre os diferentes sujeitos da Agroecologia em termos de gênero, raça, classe, moradia, geração, escolaridade, linguagens de tradição oral e escrita; seja na academia, nos campos, águas e florestas, nos movimentos sociais, nas ONGs, nos coletivos informais e nos demais espaços onde diversos saberes são produzidos e reproduzidos nos territórios. Uma provocação aos participantes para o olhar ampliado, atento e sensível ao repertório de conhecimentos que emergem do diálogo entre ciência, cultura e arte e as estratégias coletivas e populares que se materializam em expressões de Agroecologia nos territórios, fundamentadas na construção da autonomia dos sujeitos na busca por modos de vida sustentáveis.

O Congresso foi realizado pela Associação Brasileira de Agroecologia - ABA e pela Rede Sergipana de Agroecologia – RESEA, de cuja união surgiu a extensa e plural comissão organizadora composta por representantes de ambas organizações e da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - Embrapa, Instituto Federal de Sergipe - IFS, Universidade Federal de Sergipe - UFS, Secretaria de Estado da Agricultura, Desenvolvimento Agrário e da Pesca – SEAGRI/SE, Articulação Semiárido Brasileiro - ASA, Movimento dos Pequenos Agricultores – MPA, Movimento Camponês Popular – MCP, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, Articulação Nacional de Agroecologia – ANA, Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de Sergipe – FETASE, Federação dos Estudantes de Agronomia do Brasil – FEAB, NEAs de Sergipe e de outros estados do Nordeste, bem como, outras organizações socioculturais, movimentos e coletivos. O evento foi majoritariamente auto financiado (48%). Os recursos foram complementados pelos valiosos patrocínios da Fundação Porticus, do Instituto Ibirapitanga, do Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola – FIDA, do Instituto Regional da Pequena Agricultura Apropriada – IRPAA, da ASA, da SEAGRI/SE, do SEBRAE/SE, do Ministério Público do Trabalho de Sergipe – MPT/SE, do CREA/SE, da Caixa de Assistência dos Profissionais do CREA – MÚTUA e de outras instituições parceiras.

A construção do XI CBA ocorreu por um processo descentralizado que contou com diversos espaços de articulação e preparação. Essa escolha por um planejamento compartilhado do congresso ocorreu por um entendimento da ABA e da RESEA que os dias da programação deveriam ser uma expressão concentrada das múltiplas ações construídas anteriormente nos territórios, regiões, universidades, institutos

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.



federais, núcleos de Agroecologia e demais organizações e movimentos. De forma coerente com a opção de popularização do congresso, foi necessário inovar na escolha do local de realização, uma universidade pública federal.

Apesar dos primeiros diálogos sobre a preparação para o XI CBA em Sergipe terem iniciado na RESEA logo após o retorno do X CBA, as primeiras discussões ampliadas sobre a construção do congresso ocorreram no Encontro Regional de Agroecologia - ERÊ Nordeste, em fevereiro de 2018 em Recife/PE, onde foram visibilizadas as experiências e lutas dos povos que realizam a Agroecologia na região. Seguindo essa trajetória de construção coletiva, no III Encontro Estadual de Agroecologia, em maio de 2018 em Propriá/SE, promoveu-se a articulação de todos os grupos e organizações que compõem a RESEA em torno da realização do XI CBA em Sergipe. As discussões ocorridas nestes encontros, contribuíram para articulação e construção XI CBA e foram momentos de preparação para o IV Encontro Nacional de Agroecologia, ocorrido entre maio e junho de 2018 em Belo Horizonte/MG, no qual foi lançada a primeira carta convocatória do XI CBA. A beleza do IV ENA encheu de encantamento e serviu de inspiração para o Núcleo Operativo da RESEA.

As ações determinantes para materializar o sonho de realizar o congresso em Sergipe foram iniciadas no Seminário de Construção do XI CBA, em agosto de 2018 em Aracaju/SE, onde os 80 participantes de organizações, instituições e movimentos sociais que compõem a RESEA, a Rede Nordeste de Núcleos de Agroecologia, a diretoria da ABA, representantes da comissão organizadora do IV ENA, além de, estudantes, técnicos e artistas, definiram coletivamente os objetivos, o lema, a composição das comissões e os princípios que conduziram com coerência os processos do congresso. A partir da base constituída no seminário, a organicidade se ampliou com a criação da secretaria e coordenação geral, composta por representações das comissões. Assim, ficou estabelecido o fórum de reflexões e tomadas de decisões sobre todos os processos do congresso.

O que se seguiu foi uma série de Encontros Integradores - Pré-CBAs, realizados a partir de setembro de 2018, onde os fluxos dos diálogos com a sociedade civil e com as redes de Agroecologia desencadearam ações mobilizadas pela comissão organizadora local e pelas movimentações dos núcleos de Agroecologia de diversas regiões do país. Entre estes encontros, ressaltou-se o V Encontro de Agricultoras e Agricultores Experimentadoras/es da ASA, realizado em fevereiro de 2019 em Juazeiro do Norte/CE, onde ficou marcado o envolvimento da ASA na construção do congresso. A participação da ASA se materializou a partir do aporte de recursos financeiros e da incorporação do Terreiro de Inovações Camponesas como ambiente permanente da programação. Outro espaço de articulação fundamental para a construção do XI CBA foi a Plenária Nacional da ANA, em março de 2019 em Aracaju/SE. Esta rendeu importantes contribuições para o processo e o comprometimento das organizações presentes de inclusão da pauta do congresso nas suas agendas. Destacou-se entre os compromissos firmados, a aproximação entre ABA e ANA para realização e concretização de um CBA popular.



A partir daí, a construção coletiva foi estruturada com a realização de várias oficinas. A *Oficina de Metodologia*, em maio de 2019 em Aracaju/SE, teve a facilitação da Escola de Formação em Pedagogia Griô e a presença de 40 colaboradores, entre representantes da comissão de metodologia do CBA, da diretoria da ABA, dos GTs e coletivos nacionais da ABA e da ANA, da ASA e da REGA, da coordenação local do CBA e do Núcleo operativo da RESEA. Nessa oficina foi aprovada e estruturada a proposta metodológica do congresso em formato de Teia e a integração efetiva da Pedagogia Griô na construção metodológica, além da definição da programação e da agenda de trabalhos das comissões. Seguiram-se até a véspera do XI CBA, outras oficinas relevantes para consolidação das estruturas e fluxos necessários à realização do evento. Entre estas destacaram-se: a) as *Oficinas da Alimentação* que, partindo de uma articulação entre agricultores, nutricionistas e representantes da RESEA, avançaram no mapeamento da produção agroecológica de Sergipe, o qual foi fundamental para orientação da aquisição dos produtos para o Espaço de Alimentação Sabores da Terra e a Cozinha das Tradições, tendo como meta a valorização das experiências agroecológicas, cultura e tradições alimentares sergipanas; b) a *Oficina da Comunicação Colaborativa* que realizou a formação de uma rede de colaboradores composta por comunicadores populares e profissionais da comunicação, tendo o horizonte da narração coletiva e afetuosa do mosaico de belezas e riquezas do XI CBA, ; c) as *Oficinas de Bioconstrução* que capacitaram agricultoras e agricultores para a produção, entre outras estruturas sustentáveis, das bancas de bambu, do domo geométrico e das estruturas lúdicas e brinquedos de bambu utilizados, respectivamente, na Feira da Saberes e Sabores, Casa dos NEAs e Ciranda Infantil; e d) a *Oficina de Formação das Fiandeiras* que realizou a preparação de comunicadores populares com experiência nas linguagens da tradição oral, escrita, audiovisual e facilitação gráfica de diversos estados do país, chamadas fiandeiras, para o trabalho de registro, animação e encantamento da Teia que permeou os espaços de trocas do congresso, bem como, para uma imersão na formação em Pedagogia Griô.

Além do caráter inovador do processo de construção, da proposta metodológica e do local de realização do evento, o XI CBA foi surpreendente nos números e na diversidade. Especialmente quanto aos números, o que se observou foi admirável, quando se considera que o volume de recursos utilizados foi substancialmente inferior ao de edições anteriores do congresso. Foram 4056 inscritos, provenientes de 10 países e dos 27 estados brasileiros. O gênero feminino correspondeu a 59% dos inscritos. Agricultores e povos de comunidades tradicionais somaram 736 registros. Junto aos povos do campo, das matas e das águas, estudantes, pesquisadores e profissionais de diversas áreas do conhecimento ocuparam a universidade, refletindo a diversidade de povos que constroem a pluralidade da ciência, cultura e arte brasileira. Além dos inscritos, a realização do XI CBA num espaço público como a UFS possibilitou que centenas de pessoas não registradas no congresso circulassem pelos ambientes de diálogo, principalmente nas noites culturais do Festival de Arte, Cultura e Agroecologia. Destacamos as 712 pessoas que trabalharam durante o evento, entre a comissão organizadora, voluntariado, feirantes, agricultores, serviços de



alimentação, produção, artistas, fiandeiras, comunicação colaborativa, oficinas, terapeutas, conferencistas e convidados que se dedicaram na tecitura desse sonho coletivo, entre os quais houve também o predomínio feminino.

Nos *Tapiris de Saberes*, dos 2841 trabalhos científicos e relatos de experiências técnicas submetidos, 2247 foram aprovados e 1732 apresentados. Além desses, foram recebidos 77 relatos de experiências populares em vídeo, outra inovação do XI CBA, sendo 42 apresentados. As apresentações de trabalhos, organizadas em dezesseis eixos temáticos, foram realizadas em 271 Tapiris (espaços de diálogo). Mais uma novidade do congresso foi a apresentação de trabalhos científicos, relatos de experiências técnicas e relatos de experiências populares em um mesmo Tapiri, de acordo com o eixo temático e independente da forma de submissão, escrito ou em vídeo. Ademais, seguindo a proposta metodológica do evento, foi estimulado que as apresentações fossem realizadas no formato escolhido pelos autores: em apresentação digital; em pôster; em vídeos; ou como uma manifestação artístico-cultural em cordel, poesia, música, teatro, entre outras. Em cada Tapiri houve, ao final das apresentações, um debate organizado e animado pelo moderador, envolvendo todos os apresentadores e o público. Em Tapiris selecionados, as fiandeiras do congresso facilitaram círculos de cultura, resultando na construção de um texto coletivo, sintetizando os trabalhos apresentados. Dessa forma, pesquisas científicas e experiências técnicas e populares dialogaram sobre temas comuns e aproximaram as diferentes perspectivas e seus lugares de fala. Os números da Comissão Técnica Científica também impressionam, para dar conta da avaliação e apresentação de todos os trabalhos foram necessários 36 coordenadores de eixos e 485 avaliadores *ad hoc*.

A programação do congresso em formato de Teia foi um encantamento à parte, não só por sua proposta, mas também por seus admiráveis números e diversidade. Foram 12 conferências, 38 rodas de diálogo, 8 plenárias identitárias e 50 atividades autogestionadas, entre oficinas e vivências, além de assembleias, fóruns e reuniões, realizadas em espaços abertos de variados tamanhos, ambientes descontraídos e decorados segundo as referências nordestinas. Para atingir o desafio de ser horizontal, dialógica e plural, cada mesa das conferências e rodas de diálogo na programação foi organizada buscando a equidade de gênero e geração, assim como, a participação de camponeses e/ou povos tradicionais. Nos demais Ambientes de Interação Agroecológica foram observados ainda trocas de sementes, lançamentos de livros, feira de livros, instalações artístico-pedagógicas e exposições diversas.

Os Ambientes Fixos coloriram a UFS e maravilharam a todos. No *Espaço de Alimentação Sabores da Terra* foram servidas 16 mil refeições (cafés da manhã, almoços e jantares) oferecidas durante os quatro dias do congresso. Para preparação dessas refeições foram utilizadas 9 toneladas de alimentos fornecidos por cerca de 86 famílias locais ou regionais, em sua maioria praticantes de agricultura de base ecológica, extrativistas ou ribeirinhas. Grande parte das refeições foi direcionada gratuitamente para alimentação de agricultores e povos tradicionais que participaram



do congresso, além da comissão organizadora, voluntariado, conferencistas e convidados. Na *Feira de Saberes e Sabores*, 80 feirantes de todas as regiões do país, comercializaram artesanatos, alimentos *in natura* e preparados, biocosméticos, plantas medicinais e sementes. Todos os feirantes manifestaram satisfação por terem superado suas expectativas de vendas. Ressalta-se o cuidado da organização em permitir apenas a venda direta, garantindo o comércio justo. Entre os feirantes, de etnias diversas, camponeses, indígenas e quilombolas, predominou o gênero feminino. Logo ao lado, no *Terreiro de Inovações Camponesas*, ambiente de expressão de saberes populares centrais na construção da Agroecologia, foram compartilhadas 30 inovações, entre tecnologias de convivência com a seca e de beneficiamento de produtos agrícolas, protagonizadas por agricultores provenientes da quase totalidade dos estados do semiárido brasileiro.

No harmonioso *Espaço de Cuidados Dona Chica*, ambiente vivencial auto organizado com práticas de cura de rezadeiras, benzedadeiras, acupuntura, medicina antroposófica, terapias comunitárias, Práticas Integrativas e Complementares (PICs), entre outras, foram realizados um número aproximado de 700 atendimentos. Na singela e lúdica *Ciranda Infantil*, ambiente de co-criação, acolhimento e partilhas de saberes entre crianças e adultos, por meio de rodas de conversa, oficinas de artes, contação de história e muita brincadeira integrada à natureza, foram acolhidas cerca de 100 famílias durante os dias do congresso. Já na acolhedora e perfumada *Cozinha das Tradições*, ambiente de troca de experiências por meio da preparação de comidas que valorizam recursos existentes nos territórios rurais e urbanos, relacionando o saber/fazer com suas manifestações culturais, memórias, tradições e identidades, foram preparadas 20 deliciosas receitas. Os pratos, em sua maioria da culinária do Nordeste e do Norte do país, foram saboreados pelos visitantes de todos os estados. A casa de farinha, instalada ao lado da cozinha, despertou grande atenção do público e seus produtos também foram degustados.

E os festivais, arrebatadores festivais, Ambientes de Interação Agroecológica que merecem um parágrafo só deles. O *Festival Internacional de Cinema Agroecológico* (FICAECO) foi realizado pela primeira vez no XI CBA, com a proposta de dialogar sobre as diferentes questões que envolvem a Agroecologia através do cinema. Dos 81 filmes inscritos, foram selecionados 28 para a mostra principal, sendo duas produções internacionais, com destaque para as 11 produções da região nordeste. Assim, foram exibidos 22 curtas, três média-metragem e três longa-metragem, que emocionaram a assistência com a beleza das imagens e com a constatação da essencialidade do papel das produções audiovisuais na construção do fazer agroecológico. Nos quatro dias do *Festival de Arte, Cultura e Agroecologia* (FICAMOR) foram realizadas 17 apresentações programadas e 20 espontâneas, nos horários de palco aberto. Foram apreciadas diferentes expressões artísticas: poesia, teatro, dança e música. As apresentações musicais variaram dos folguedos populares, como o maracatu, a erudita orquestra filarmônica; dos tradicionais, samba de coco, batuque e forró, a vanguarda do pop psicodélico e da música eletrônica. As noites e madrugadas do FICAMOR entusiasmaram não só os congressistas, mas também as



centenas de visitantes que lotaram o Memorial da Democracia da UFS, transformando o local na esfuziante festa da agroecologia.

Ao final do congresso, constatamos que, em 2017, quando sonhamos em sediar o XI CBA em Sergipe, vislumbramos um momento de resgate e acolhida. Resgate das experiências nordestinas das nossas sementes crioulas, dos nossos sistemas camponeses, de nossas tradições agrícolas, arte, cultura e folguedos. O CBA do nordeste, realizado em Sergipe, foi sonhado como o pulsar de um coração que revela, nutre e fortalece numerosas experiências agroecológicas das famílias agricultoras, movimentos sociais e das instituições de ensino, extensão e pesquisa científica da região Nordeste, do Brasil e dos nossos territórios, a riqueza biodiversa local aberta para ser vista e para receber a Agroecologia brasileira. Sonhamos esse congresso para ser o território dos territórios da agricultura familiar camponesa agroecológica. Ciência, Prática e Movimento em ação, nas experiências de agricultores, técnicos, cientistas, educadores e estudantes. Sonhamos nossa Rede, a RESEA, recebendo outras tantas Redes de agricultores, núcleos, caravanas e feiras agroecológicas. Sonhamos uma construção coletiva, envolvendo a ABA e dezenas de outras organizações que encontram na agroecologia o eixo de organização para a produção de alimentos saudáveis com segurança e soberania, realizando uma agricultura biodiversa, replicando sementes crioulas e cultivando a água.

Hoje, temos a sensação de sonho realizado. O XI CBA revelou a riqueza das experiências agroecológicas do Nordeste e acolheu carinhosamente aquelas de todo o Brasil. Por quatro maravilhosos dias, fomos de fato o território dos territórios da agricultura familiar camponesa agroecológica. Plenos de contentamento, avaliamos que o objetivo de viver a ecologia de saberes foi atendido. Saber popular e saber científico dialogaram de forma horizontal para avanço da democratização dos sistemas agroalimentares. A arte e a cultura foram os fios que arremataram a teia do conhecimento.

O XI CBA deixa como marcas o seu processo democrático de construção, a sua inovadora e afetuosa proposta metodológica, a presença determinante dos povos dos campos, matas e águas em todos espaços de diálogo, a sua feminilidade, desde a gestação ao apoteótico parto, e sobretudo, a sua alegria festiva. Tais marcas, assim como a ecologia de saberes vivenciada, ficaram registradas na Carta de Sergipe, assim como, nas Cartas Indígena, LGBTQI+, da Juventude, da Ciranda Infantil e na Carta Manifesto de Pescadores e Marisqueiras sobre a Tragédia-Crime do Derramamento de Petróleo na Costa Brasileira.

Nós da Comissão Organizadora do XI CBA nos despedimos com terna saudade e esperamos que o amor e o empenho dedicado tenham resultado em satisfação para os participantes. Agradecemos a todos vocês por terem tecido conosco a alegre teia da agroecologia em Sergipe, tendo a expectativa de nos encontrarmos novamente no XII CBA.